

a fusão dos concelhos do porto e de vila nova de gaia: nota de reflexão temática

sara sucena

mestre assistente, faculdade de ciência e tecnologia,
universidade fernando pessoa

ssg@ufp.pt

RESUMO

O texto reflecte sobre alguns dos aspectos que, caracterizando a realidade actual, justificam a oportunidade e o interesse de fusões territoriais de índole político-administrativa. No entanto, a menor importância atribuída a limites físicos como fronteira de algumas relações não significa o desaparecimento de outras que naqueles se fundamentaram, que o tempo sedimentou e que os “desejáveis” processos de fusão terão de questionar e de enfrentar.

PALAVRAS-CHAVE: sistemas urbanos, urbanidades contemporâneas, território dos fluxos, complexidade, confins.

ABSTRACT

In this text we make a reflection about some of the aspects that justify the opportunity and the interest of territorial fusing of politician-administrative nature, regarding the current reality. However, the smaller importance of the physical limits, as border of some relations, does not mean the disappearance of others which are funded, exactly, in those limits. And this is a matter that those “desirable” processes of fusing have to question and to deal with.

KEYWORDS: urban systems, contemporary urbanities, territory of the flows, complexity, borders.

1. Enquadrar o tema em discussão e a sua pertinência significa (também) afastar-nos da específica contingência espacial em análise e pensá-lo num âmbito territorial mais abrangente.

Significa reconhecer que a realidade urbana já não se restringe ou é exclusiva das cidades, tal como há poucas décadas as conhecíamos, mas, englobando-as, extravasa-as tentacularmente diluindo essas entidades, antes cerradas e delimitáveis, numa globalidade construída. Significa ainda admitir a capacidade mutante destas realidades enquanto partes de sistemas, de que dependem e que alimentam, aos quais é inerente a noção de (maior) complexidade (social, funcional, económica ou política) e da qual são, seguramente, reflexo. Significa, finalmente, aceitar que o *fenómeno urbano* emergente exige a redefinição de conceitos e de instrumentos que permitam compreender e agir sobre o que Nuno Portas (2003: 227) designa como “multiforme território das urbanidades contemporâneas”.

Referimo-nos ao «território dos fluxos» e das redes que os suportam, dos fluxos de informação através de plataformas físicas e virtuais, dos fluxos de trânsito ligados à circulação de pessoas, bens e actividades, mas, em particular, à sua específica configuração na realidade. O ênfase coloca-se nas novas formas com que o território se (re)formata, reagindo a factores, por separado, identificados, mas que, quando sobrepostos, se revelam pouco inteligíveis. O cruzamento de fluxos reflecte-se, assim, num território estruturado em âmbitos mais relacionais do que formais, espelho desse “desequilíbrio”, através das formas físicas que o constroem.

Relação e forma, ou relações e formas resultantes, embora constituam as palavras-chave que parecem permitir-nos aceder às lógicas subjacentes ao novo desenho espacial da urbanização (aqui entendida em sentido lato), traduzem o que sabemos ser causa e efeito, mas tão só.

2. Um dos aspectos que mais evidente e consensualmente caracteriza as transformações territoriais que afectam de modo generalizado todos os países do mundo é a expansão da urbanização. Independentemente das formas próprias que a mesma toma na dependência de especificidades nacionais ou continentais, o domínio do «urbanizado» sobre o «não urbanizado» tem-se afirmado como um facto, quer se chame a essas novas realidades ainda e simplesmente cidade, quer se inove nas designações que pretendem captar as diferenças relativamente à de ontem e, simultaneamente, mantê-la como referencial.

Ao longo do século XX, num processo que articula fases diferenciadas de urbanização, por crescimento e decréscimo, concentração e desconcentração (Hall et al. in Dematteis, 1999), grandes extensões de território foram sendo marcadas por manchas de edificação, hoje globalmente entendidas como «contínuas»¹. Dematteis (1999: 30) associa estas novas realidades territoriais a uma recente “representação da periferia urbana”, a “da cidade pós-fordista”, que deixa entender como uma evolução dos modelos de suburbanização anglo-saxónico e europeu, na actualidade, tendencialmente convergentes “num modelo único de «cidade sem centro»” (Dematteis, 1999:17-30).

No entanto, ainda que, fisicamente, a expressão deste «sistema», caracterizado pela ocupação extensiva do território, possa apontar a influência dominante do primeiro modelo (anglo-saxónico) sobre o segundo (europeu), esta nova configuração, segundo Soja (2001: 242), afasta-se da ideia de suburbanização uma vez que “se complexifica por ligações e interdependências entre a cidade central e espaços de relativa autonomia da região metropolitana”.

Estabelecendo uma das mais referenciais designações que pretendem reter esta ideia de “fim da Era da Metrópole” (Soja, 2001) associada a um novo “Tipo urbano dominante”, Ascher (2001: 53) identifica-o como um “sistema metropolitano” definido por “[...] um duplo processo de metropolização e de formação de novos tipos de territórios urbanos, as metapolis [...] vastas conurbações, distendidas e descontínuas, heterogéneas e multipolarizadas.” (Ascher, 2001: 57-8)

Descrivendo a configuração urbana emergente aproximadamente nos mesmos moldes, Nuno Portas releva (2003: 227-8) dois aspectos distintivos, de cisão entre esta e a cidade de meados do século passado. Por um lado, “[...] a passagem da monocentralidade ao policentrismo [...]”; por outro,

[...] as rupturas morfológicas [...] de *descontinuidade e fragmentação* ou *difusão* das distintas partes que por razões funcionais ou outras, decompõem a actual aglomeração ou região urbana, que mesmo assim mantém relações internas suficientemente estreitas para ser percebida como uma mesma entidade urbana.

3. A «metapolis», de Asher, na sua característica de heterogeneidade, ou a «cidade extensiva», de Portas, na sua forma territorial alargada e fragmentada têm, portanto, subjacente a ideia de *divisão*. Aliada a esta, o seu entendimento como “entidade urbana” não lhe retira, antes reforça, uma das condições essenciais que antes entendíamos concentrada na «cidade»: a *diversidade* cultural, social, funcional, arquitectónica, ou outra(s), sedimentada por tempos longos de construção. *Divisão* e *diversidade* estão, além do mais, na base da sua formação porquanto a “[...] metropolização, como a globalização, induz um duplo processo de homogeneização e de diferenciação [...].” (Ascher, 2001: 59)

Hoje, no entanto, face às novas dimensões espaciais e organizacionais destas «entidades», à sua complexidade e também aos diversos tempos de *construção*, identificar essa mesma característica, a diversidade, exige um maior (e paralelo) trabalho de escalas; implica assumi-la como pressuposto na grande (macro) escala mas descobri-la, na sua multiplicidade, na pequena (micro) escala. Significa identificar diferenças e *delimitá-las* o que, se por si só nem sempre é fácil, mais difícil ainda se torna fazer coincidir esses limites com os institucionais, de jurisdições estabelecidas quando as *regras* de estruturação territorial eram outras e bem mais claras do que as actuais.

Na verdade,

[...] esta cidade difusa, esta cidade não limitável e sem confins, é também a cidade dos confins. Confins e divisórias que são, em primeiro lugar, sociais e funcionais e, em segundo lugar, políticas e administrativas. [...] A especialização funcional, a segregação social e a fragmentação administrativa alimentam-se mutuamente para levantar e reforçar um labirinto de confins na cidade sem confins. (Nel-lo, 1998: 49, 53)

4. Se pensarmos no âmbito geográfico mais próximo, a observação da realidade territorial de fronteira entre Portugal e Espanha, certamente não cessa de nos surpreender com as semelhanças, mais do que com as diferenças; mas não apenas nesse confirm administrativo a constatação tem lugar.

A identificação de uma “Cidade Difusa do Noroeste Peninsular” (FAUP, 2002) supõe, não apenas a grande continuidade física entre Vagos e Galiza, como a existência de relações organizacionais e estruturais entrecruzadas nesse território alargado, tal facto permitindo reconhecer, para além destas e das diferenças por elas geradas, unidades tipo-morfológicas que, quer no sentido Norte-Sul, quer no sentido Nascente-Poente, extravasam outros limites de *jurisdição* territorial.





A própria ideia, temporalmente anterior, que consubstanciou as Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, e que mais recentemente evoluiu para as designações propostas pelo DL n.º 10/2003, de 13 de Maio, decorre daquela constatação e tem subjacente a necessidade de outros olhares que possam compreender e agir sobre realidades territoriais mais vastas do que a municipal, e a outras escalas. No entanto, importante será

[...] recordar, com Francesco Indovina, que ao estudar os problemas da cidade difusa «não é indiferente, de modo algum, analisar o que é que se difunde e o que é que se concentra.» E, sobretudo, [...] mostrar como as velhas barreiras (limites, confins...) perduram na nova realidade urbana sob formas diversas. (Nel-lo, 1998: 50)

Será este um dilema a crescer ao debate da eventual fusão Porto-Gaia: reconhecer e avaliar também as implicações que, transcendendo a união dos dois espaços e a criação de uma única identidade político-administrativa, mas dela decorrentes, afectam outras (micro) identidades fomentadas, exactamente, nessa divisão territorial que o tempo sedimentou.

notas

I. Continua, num sentido lato, sem que tal exclua a existência de «vazios» e/ou de espaços de maior densidade concentrada em altura e/ou superfície; a sensação de continuidade resulta, antes, da relação entre construído e não construído e da sua proporção (no caso, dominado pelo construído) em termos de ocupação espacial.

referências bibliográficas

ASCHER, François (2001). *Les Nouveaux Principes de l'Urbanisme: La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour*. Éditions de l'Aube.

DEMATTEIS, Giuseppe (1998). "Suburbanización y periurbanización. Ciudades anglosajonas y ciudades latinas". In Monclús, Francisco Javier (ed.). *La ciudad dispersa: Suburbanización y nuevas periferias*. Barcelona: CCCB, pp.17-33.

FAUP: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2002). *Cidade Difusa do Noroeste Peninsular – Peninsular*. Vol.II. Porto (trabalho não publicado).

NEL-LO, Oriol (1998). "Los confines de la ciudad sin confines. Estructura urbana y limites administrativos en la ciudad difusa". In MONCLÚS, Francisco Javier (ed.). *La ciudad dispersa: Suburbanización y nuevas periferias*. Barcelona: CCCB, pp. 35-57.

PORTAS, Nuno (2003). "De una ciudad a otra: perspectivas periféricas". In RAMOS, Ángel Martin (ed.) (2004). *Lo urbano en 20 autores contemporáneos*. Barcelona: Edicions UPC, pp.221-9.

SOJA, Edward W. (2002). *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*. Blackwell Publishing (1ª ed. 2000).





Valença IC 1

Viana IC 1

Braga N 14

Maia

Aeroporto

50 km

a
eal